

Estrangeiros entre Nós Outros, Estrangeiros para Nós Outros: O Lugar do Estrangeiro em Uma Margem Distante

DENISE ALMEIDA SILVA

Doutora em Letras pela UFRGS. Docente do Departamento de LLA da URI, campus Frederico Westphalen: graduação e Mestrado em Letras.
dasilva@uri.edu.br

Resumo

Neste estudo, reflete-se sobre o status do estrangeiro e os questionamentos que o outro impõe a partir do romance *Uma margem distante*, de Caryl Phillips. Toma-se estrangeiro em um sentido amplo, como categoria relacionada à sinalização da transgressão, não se restringindo a critérios de deslocamento geográfico, mas resultante, antes, do cruzamento de qualquer fronteira do sistema social. Analisa-se o lugar ocupado pelos protagonistas da história: Dorothy Jones, inglesa que progressivamente perde seus referenciais sociais e afetivos, e Gabriel-Solomon, refugiado africano radicado na Inglaterra, onde em vão busca o lar que sua pátria já não mais oferece: estrangeiros, ambos – um em terra alheia e a outra na própria terra natal. A análise é embasada, sobretudo, nas reflexões de Kristeva (1994) sobre o lugar do estrangeiro e o valor metafórico dessa posicionalidade.

Palavras-chave: Estrangeiro. Deslocamento. Identidade. Julia Kristeva. Caryl Phillips.



Introdução

Não por mera coincidência o título deste trabalho ecoa o da já clássica obra “Estrangeiros para nós outros”, de Júlia Kristeva. Kristeva (1994) debruça-se sobre o status do estrangeiro, enfocando-o de modo fragmentário, através da reunião e justaposição de pequenos textos, inspirados, como ela mesma define, nas tocatas e fugas de Bach. Mais que a estrutura da fuga – definição inicial do tema, e sua retomada em variações contrapontísticas –, que replica na estrutura de seu texto, interessa à crítica francesa o seu espírito. Já que a conjuntura contemporânea, marcada pela integração econômica e política em escala planetária, torna impossível ignorar o outro, Kristeva propõe que se reflita sobre a indagação: “poderemos viver intimamente, subjetivamente, com os outros, viver os outros, sem ostracismo, mas também sem nivelamento?” (KRISTEVA, 1994, p. 9). No espírito das Tocatas e fugas, propõe não o apagamento da diferença, mas que à percepção da outridão, inevitavelmente registrada, siga-se, como na estrutura da fuga, “a retomada harmoniosa das diferenças que ela estabelece e propaga” (KRISTEVA, 1994, p. 10, *itálico da autora*).

Neste estudo, reflete-se sobre o status do estrangeiro e os questionamentos que o outro impõe a partir do romance “Uma margem distante”, de Caryl Phillips. Sem fugir da acepção tradicional da palavra, i. e., pessoa natural de outro país, e/ou região, toma-se estrangeiro em um sentido mais amplo: com Woodward, pensa-se a condição do forasteiro como categoria relacionada à sinalização da transgressão do sistema social vigente, não se restringindo a critérios de deslocamento geográfico, mas resultante do cruzamento de qualquer fronteira do sistema social. Forasteiro é, então, o estrangeiro, mas também todo aquele que apresenta comportamento e/ou aparência em flagrante contraste ou desacordo com a norma comunal. Vinculada ao perigo, a identidade do forasteiro, produzida sempre em referência à do habitante local, é fruto de sistemas culturais de classificação cujo objetivo é a criação/manutenção da ordem; tais atos classificatórios são rotina na vida de uma comunidade (WOODWARD, 2000, p. 46).

Essa definição lembra a forma abarcante pela qual Kristeva pensa o estrangeiro, propondo um conceito de extrema produtividade: a possibilidade de sermos estrangeiros para nós mesmos. O estrangeiro, Kristeva define, “começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades”. (KRISTEVA, 1994, p. 9). Àqueles que resistiriam a essa definição, a autora acede: somos, mesmo minimamente – “um pouquinho estrangeiros” – nesse mundo cada vez mais aberto, em que as circunstâncias nos levam a tornarmo-nos, ainda que “por um momento” diferenciados da população pertencente, seja como turistas, ou mesmo como funcionários de uma empresa internacional. A autora registra, ainda, um nível de deslocamento mais profundo e inescapável:

A barreira, outrora sólida, entre o ‘senhor’ e o ‘escravo’ hoje está abolida, se não no inconsciente, pelo menos em nossas ideologias e em nossas aspirações. Todo nativo sente-se mais ou menos ‘estrangeiro’ em seu ‘próprio’ lugar e esse valor metafórico do termo ‘estrangeiro’ primeiramente conduz o cidadão a um embaraço referente a sua identidade sexual, nacional, política, profissional. Em seguida, empurra-o para uma identificação, certamente casual, mas não menos intensa – com o outro. Nesse movimento, evidentemente, a culpa tem o seu lugar, mas também se eclipsa diante de uma certa glória sorrateira de ser um pouco como esses outros metecos de quem se sabe, agora, que por mais desfavorecidos que sejam, estão de vento em popa. Um vento que desvia, atrapalha, mas que nos leva para o nosso próprio desconhecido e para não se sabe qual futuro. Assim, estabelece-se entre os novos ‘senhores’ e os novos ‘escravos’ uma cumplicidade secreta, que não tem, necessariamente, consequências práticas na política ou na jurisprudência [...], mas cava uma suspeita, sobretudo no nativo: será que estou realmente em casa? Será que sou eu ou serão eles senhores do ‘futuro’? (KRISTEVA, 1994, p. 27).

A reflexão deixa visível um duplo movimento: a par da identificação com o outro – somos todos estrangeiros– há um conflito não resolvido sobre o lugar ocupado por cada um, especialmente por aquele que costumava estar no centro. A este, apesar da aparente universalidade do deslocamento, incomoda não apenas a incerteza acerca de seu posicionamento no todo social, como a possibilidade de que, no futuro, haja uma inversão de papéis com o outro, cada vez tão mesmo, e por isso tão desafiador.

Uma margem distante torna-se uma leitura extremamente pertinente para a análise proposta quando se considera como o romance põe em evidência a condição de estrangeiro a partir de ótica plural. Contra o pano de fundo de uma Inglaterra em mudança, Phillips escolhe construir duas vidas paralelas: a de Solomon, refugiado negro na Inglaterra, emigrado de um país africano em guerra intestina, que em vão busca encontrar na Inglaterra o lar que sua pátria natal já não mais lhe oferece, e a de Dorothy Jones, inglesa aposentada, que progressivamente perde todas as suas referências sociais e afetivas e, finalmente, desprovida de família e de amigos, acaba como interna em clínica psiquiátrica. Os dois personagens compartilham a experiência da solidão, isolamento e discriminação: estrangeiros, ambos– um em terra alheia e a outra na própria terra natal. O contexto oferecido para a análise do estrangeiro é ainda mais complexo se, considerando o papel iluminador do forasteiro, estender-se esta análise aos habitantes mais antigos de Weston que, frente às acentuadas e céleres mudanças, apegam-se aos valores comunitários, rechaçando fortemente aqueles que não se conformam a suas normas, de preferência a se confessarem e/ou reconhecerem estrangeiros em si e para si mesmos.



1 Viver com o outro, ser um outro: a produtividade do confronto com o estrangeiro

Viver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de ser um outro. (KRISTEVA, 1994, p. 21).

O caráter de forasteiros dos dois protagonistas de **Uma margem distante** é acentuado pelo cenário de uma Inglaterra em acelerado estado de mudança. As frases de abertura do romance são sintomáticas: “A Inglaterra mudou. Hoje é difícil dizer quem é daqui e quem não é. Quem faz parte e quem é um estranho. É perturbador. Não parece certo” (PHILLIPS, 2006, p. 7).

Logo se traçam os contornos de uma comunidade dividida: a antiga Weston, que se estendia do sopé ao alto da colina, está agora dividida entre o povoado e o “novo empreendimento” – os chalés geminados construídos no alto da colina, agora conhecidos como o residencial “Stoneleigh”. A oposição entre “lá em cima” e “aqui em baixo” gera ainda outras divisões: fulanos elegantes x cidadão comum, recém-chegados x residentes tradicionais. Esses contrastes são enunciados pelos residentes mais antigos, que se sentem agredidos, desprestigiados e descaracterizados como comunidade ante a modificação da paisagem urbana e a intrusão dos novos residentes, mais abastados e considerados diferenciados em relação a eles mesmos. Sob o impacto da mudança, perdem o senso de personalização do ambiente imediato, e deixam de experimentar um senso de continuidade e controle sobre suas vidas e o ambiente em que moram, passando a questionar sua própria identidade social.

Já em sua primeira incursão à região “lá de baixo”, Dorothy sente-se mal vinda: as portas abertas das casas não lhe parecem indicativo de amizade, e as pessoas a olham como se “tivesse a marca de Caim na testa” (PHILLIPS, 2006, p. 10). Dorothy entende que, como todos os outros habitantes da nova urbanização, é perturbadora do padrão comunal, e faz os habitantes da velha Weston sentir “como se suas vidas murchas, que já haviam sido assoladas pelas falências e desempregos, fossem até menos importantes do que eles imaginavam” (PHILLIPS, 2006, p. 36).

Aplicar a medida de si próprio frente ao outro, como faz a população “lá de baixo”, resulta em fator de diferenciação, mas também de autorreconhecimento. Assim, face a face com os novos moradores, os residentes tradicionais percebem, pela primeira vez, sua provincianidade e pacatez, e entrevêm, ainda que vagamente, a percepção de si próprios como o outro de si mesmos. Nesse sentido, os recém chegados poderiam exercer, para com os antigos moradores, papel iluminador.

Contudo, é difícil à comunidade deixar de privilegiar as normas tão longamente praticadas. O dono do pub, que se torna, inicialmente, o mestre de cerimônia de Dorothy em Weston, explica-

lhe que a única médica da cidade foi hostilizada e ostracizada com base na concepção local sobre os papéis apropriados para cada gênero: no pensamento das mulheres locais, somente homens deveriam examinar seus maridos. Semelhantemente, os olhares que insistentemente se fixam em Dorothy no pub parecem sugerir que mulheres desacompanhadas podem sair livremente “lá em cima”, onde “ninguém se importa muito”, mas não “cá em baixo”, onde as pessoas “nao se misturam” (PHILLIPS, 2006, p. 14).

Até em Stoneleigh há comportamentos – e residentes – aceitáveis. Como mais tarde a mãe da aluna Carla adverte a Dorothy, o bairro é pequeno, as pessoas falam e há pessoas boas com as quais poderia passar o tempo. O conteúdo latente da observação é claro: há pessoas cuja companhia não é recomendável, e Dorothy compreende perfeitamente que a alusão é ao zelador negro, que também lhe faz as vezes de motorista voluntário, cuja companhia não é considerada adequada a uma mulher branca e sozinha.

Mesmo Dorothy, quando inicia um contato maior com o zelador, conhecido como Solomon, sente vontade de ditar-lhe um código de ética. Frente ao que lhe parece um obsessivo cultivado da solidão, observa-lhe que não deve se isolar da comunidade, e aparecer na rua apenas para lavar seu carro, ou as pessoas iriam considerá-lo ignorante, uma pessoa que queria se manter à distância. Nesse momento, como já começasse a experimentar atração pelo misterioso negro, escolhe ignorar o velho racismo inglês, com o qual tivera contato já em sua infância, já que tanto o pai como a mãe eram racistas; o pai, em especial, era um tipo preconceituoso que discriminava mesmo os bretões de outras plagas, e que considerava que ser inglês é, essencialmente, não ser negro.

Por outro lado, há ainda outro motivo pelo qual a presença do outro deixa de ser iluminadora. A descoberta da pequenez provinciana da população de Weston leva a momentânea reflexão, mas a provocação provoca despeito, antes que humildade. Daí à raiva regressiva e protecionista, e à perseguição ao diferente é um passo: à mulher branca e esquisita, que ousa acompanhar-se por um negro, basta uma advertência; ao negro, considerado não apenas como desigual, mas como inferior, não se hesitará em tocar não apenas na alma, como no corpo.

Ao fechar os olhos à revelação de sua outridão, trazida pela comparação com a nova população da parte superior da cidade e pela presença de Dorothy e, sobretudo, de Solomon, deixam de ver o estrangeiro que habita neles próprios. Essa percepção, como Kristeva (1994, p. 9) reflete, poupa aos que a entretêm a necessidade de detestar o estrangeiro, já que o reconhecem em si mesmos. Rejeitando-a, os moradores de Weston fecham-se nas velhas e aprazíveis concepções que têm de si mesmos. Quando, por exemplo, o dono do pub é confrontado com a agressividade dos jovens que hostilizam a Solomon, recusa-se a crer que haja assassinos entre eles: se Dorothy tivesse convivido com os locais por tanto tempo como ele, saberia que não há, entre eles, assassinos: alguns canalhas, alguns com mão leve ou brigões, mas todos pessoas decentes, dedicadas à família e a comunidade.

Em contraste com os residentes já estabelecidos, a Solomon não escapa a vantagem que a condição de estrangeiro lhe oferece: na qualidade de um ser cuja história pessoal iniciou em outro lugar, pode perceber as limitações dos cidadãos ingleses, em que pese sua admiração por eles. O passado, como observa Salmon Rushdie, é um país de onde todos emigramos: impossível é revivê-lo, a menos imaginativa e criativamente, o que causa sensação de perda. Contudo, essa perda é mais aguda nos estrangeiros, migrantes e expatriados, para quem a perda do passado implica fratura da continuidade geográfica e afetiva. No país de adoção, sua identidade torna-se a um tempo plural e parcial – por vezes percebem-se como abarcando duas culturas, outras vezes como se ocupassem um lugar intermediário entre elas. O escritor indiano atesta, por experiência própria, que esta pode ser uma posicionalidade produtiva: a um tempo dentro e fora da sociedade, o estrangeiro é dotado de “visão estereoscópica” que lhes confere a um tempo a familiaridade e o distanciamento necessário para enxergar aquilo que escapa à população local (RUSHDIE, 1992, p. 12-15, 19). Onde os outros veem apenas arruaceiros, Solomon percebe portadores de condição patológica, seres que já desconhecem a fronteira entre a raiva e a indiferença que leva à coisificação e eliminação do outro. Onde os outros veem uma mulher estranha, que ameaçadoramente fere as normas comunais, Solomon percebe um ser solitário e digno. A oclusão da revelação que poderia trazer autoconhecimento e regeneração leva à indagação sobre o efeito da convivência com o outro, assunto que se analisa a seguir.

2 Rostos tão outros: a revelação da (in)diferença

Do amor ao ódio, o rosto do estrangeiro nos força a manifestar a maneira secreta que temos de encarar o mundo, de nos desfigurarmos todos, até nas comunidades mais familiares, mais fechadas. (KRISTEVA, 1994, p. 11).

Se o estrangeiro impressiona, primeiramente, por sua singularidade, a diferença inscrita em sua pele e fala deveria, conforme raciocina Kristeva, destacar sua própria humanidade: suas feições lembram que ali existe alguém. Porém, como a pensadora francesa ainda destaca, mais frequentemente a estranheza pode não levar a uma identificação fraternal, mas à discriminação baseada na atitude ególatra que toma o eu como parâmetro absoluto. Kristeva aponta para relação conflituosa entre o cidadão local e o estrangeiro, que, a um tempo, o cativa, atrai e repele: “‘Pelo menos, sou também – singular e portanto devo amá-lo’ diz para si o observador; ‘ não, prefiro a minha própria singularidade e portanto devo matá-lo’, pode ele concluir” (KRISTEVA, 1994, p. 11).

Esse ser marcado pela outridão perturba porque, como Kristeva ainda reflete, traz a marca de um limite transposto. Impressiona como alguém que está “a mais”, a competir com

os locais – “uma boca a mais” – ao mesmo tempo que deles difere fundamentalmente pela fala incompreensível e pelo comportamento incomum. Assim percebida, a diferença afeta não só à sociedade receptora, mas ao próprio estrangeiro. Contudo, a mesma agressão que o fere, depura-o imperceptivelmente, deixando-o “duro e liso como um cascalho”, ou, para usar ainda outra metáfora da autora, como que revestido por uma “carapaça”. Ante o suplício do desprezo, ou a humilhação nascida tanto da condescendência como do ódio, a “carapaça” se reforça e ele prossegue, olhos fixos em seus objetivos, sejam esses profissionais, intelectuais ou afetivos.

A disposição de tudo suportar deriva, em parte, da admiração pelos que o acolhem, geralmente considerados superiores; contudo, a agressão deixa marcas. Assim, a “indiferença é a carapaça do estrangeiro: insensível, distante, no fundo ele parece fora do alcance das agressões que, contudo, sente com a vulnerabilidade de uma medusa” (KRISTEVA, 1994, p. 15). Daí por que a autora enxerga, no estrangeiro, a assunção do “paradoxo do comediante”, ou seja, a multiplicação de máscaras, ou falsos selfs: jamais inteiramente verdadeiro nem inteiramente falso, o estrangeiro passa a se visualizar como constantemente outro: “Eu faço o que se quer, mas não sou ‘eu’ – meu ‘eu’ está em outro lugar, meu ‘eu’ não pertence a ninguém, meu ‘eu’ não pertence a ‘mim’[...] ‘eu’ existe?” (KRISTEVA, 1994, p. 16).

Esse processo de desconfiança e preconceito, por parte da sociedade receptora, e de enrijecimento, obstinada perseguição de um alvo e multiplicação de posições identitárias, por parte do forasteiro, é particularmente perceptível na experiência de Solomon. Nascido Gabriel, em um país africano não nomeado, o personagem relembra com saudade a época de sua infância, quando a paz e o bem imperavam: “Nós éramos a menor das tribos. Trabalhávamos duro e não fazíamos mal a ninguém. Tentávamos fazer o que era melhor para nós mesmos, e o que era bom para nosso pequeno e jovem país” (PHILLIPS, 2006, p. 134). A guerra fratricida altera esse quadro de harmonia: logo abundam rebeldes e metralhadoras pelas ruas, e a população é dizimada. Enviado pelo pai para integrar o exército de libertação, Gabriel assume o nome de Falcão, e a liderança de seu grupo. De pacifista, e inicialmente oposto a chacinas, o soldado gradualmente acostuma-se à vida de guerrilheiro, e à “maneira vergonhosa” como conduzem a guerra. Após testemunhar, escondido, o massacre de sua própria família, decide que é hora de abandonar o país, e não hesita mesmo em matar para obter recursos para o voo que o leva ao exterior. No percurso, é convencido de que a França, seu destino inicial, não os acolherá bem, e de que deve rumar à Inglaterra, país acolhedor, onde dão tudo ao refugiado: “Comida, roupas, casa. Vocês vão viver como reis” (PHILLIPS, 2006, p. 140). Na chegada à Inglaterra, conta à adolescente que lhe provê alimento que visa um futuro melhor: “estou aqui em seu país porque gostaria muito de cuidar dos filhos que ainda terei. [...] Estou pensando no futuro. [...] Na minha terra, muitos de os continuam sofrendo.” (PHILLIPS, 2006, p. 208). Acusado falsamente pelo pai da adolescente de haver cometido estupro, Gabriel é preso, sendo liberto graças à intervenção de advogada defensora dos direitos humanos. Em Londres, sofre preconceito de um sem-teto, que o

vê como competidor: “Você é um desses caras refugiados, não é? Que vieram para esse país para viver à custa da previdência do Estado. É isso que eles dizem sobre vocês” (PHILLIPS, 2006, p. 190). Decide, depois, a conselho da advogada, rumor para o norte, onde estará livre das pechas impostas pelo rumoroso julgamento, e assume novo nome: Solomon.

Como se percebe nesse breve resumo da fase inicial da saga de Gabriel-Falcão-Solomon, Phillips não descreve unilateralmente a recepção ao estrangeiro – há, é verdade, aqueles para quem ele é um competidor, marginal que deve ser afastado; acusado das mazelas sociais, é visto como o que deve pagar por elas, mesmo quando inocente (como é o caso quando sofre a acusação de estupro). Há, porém, também aqueles que escolhem registrar a diferença, sem, contudo, puni-la. Além da advogada, fazem parte desse grupo Mike, o irlandês que leva Solomon de carona para o norte, e lhe apresenta os Andersons, casal branco que o acolhe, faz com que se sinta seguro, prepara-o para o mercado de trabalho na Inglaterra, e regulariza os papéis para que seja aceito como refugiado. Mesmo esse oásis de paz e boa vontade, que medeia entre a prisão e o enfrentamento de preconceito em sua morada final em Weston, não é totalmente isento de perturbação: palavras preconceituosas são pichadas no muro dos Andersons. Visivelmente perturbado, o idoso Sr. Anderson explica a reação da comunidade ao negro:

– Solomon, a primeira linha de defesa é o preconceito. Depois que você ultrapassar isso, sempre vai haver um cantinho onde você vai poder viver e ser quem você realmente é ou quem você quiser ser. Mas você tem que ultrapassar essa primeira linha, e as coisas não estão ficando mais fáceis. Há um monte de gente como você, e o sistema já está perto do ponto de quebrar. Quero dizer, as coisas ficam particularmente ruins se você quiser ir a um de nossos hospitais. As pessoas estão preocupadas. – Ele me olhou muito atentamente agora, como se tentasse ler meus pensamentos. – Você compreende o que estou tentando dizer, não é, Solomon?

Fiz que sim, apesar de não estar seguro sobre o que o Sr. Anderson queria dizer. – Sabe, Solomon, esta ilha não é lá muito grande e não temos assim tanto espaço. As pessoas pensam que outros países deveriam acolher você primeiro porque já fizemos a nossa parte. – Ele parou e olhou para o outro lado. – Sinto muito, Solomon, mas algumas pessoas pensam essas coisas. Que você só quer vida fácil, ou que tem muitos filhos. Pensam que você realmente não quer trabalhar. Está na cabeça deles e isso os deixa loucos. (PHILLIPS, 2006, p. 320-21).

Mais uma vez, Solomon está em meio a uma “guerra” e, como é normal acontecer em meio a um conflito, novamente não é ele o único implicado. Como se depreende da expressão “linha de defesa”, também os pichadores sentem-se agredidos, e tomam o negro como aquele

que arruína sua comunidade, um adversário cuja eliminação pacificará o grupo. Se àqueles entre os quais o estrangeiro convive o preconceito serve como escudo protetor, resta ao negro, segundo seu hospedeiro e benfeitor branco, endurecer a carapaça, escolher entre as “máscaras” a seu alcance a que lhe convém, e assumi-la resolutamente. Primeiro, porém, há o processo de resistência, que funciona como autodefesa, e garante o avanço, por assim dizer, entre as fileiras adversárias: o estrangeiro tem que “ultrapassar essa primeira linha”. No papel de mediador entre a população branca, da qual faz parte, e o negro, com quem simpatiza (mais do que afinidade e/ou capacidade de aprovação, emprega-se aqui a palavra apontando para aquela comunidade de sentimento implícita na raiz grega da palavra *sympatheia*, derivada de *sym*, conjuntamente e *pathos*, sentimento), Anderson tenta compreender as duas faces da questão. Não tira a razão dos pichadores, atribuindo-a a dificuldades econômico-assistenciais. Nesse sentido, aponta para o estrangeiro como o excedente, o competidor que diminuirá a porção dos naturais da terra. Por outro lado, sabe que Solomon não corresponde à figura da sanguessuga, que apenas consome em benefício próprio, ou de sua família. Evocando outro estereótipo⁷⁶, o do estrangeiro com grande prole e que, portanto, tiraria o lugar não apenas de um, mas de vários cidadãos junto à assistência social britânica, Anderson reafirma o modo como Solomon foge a essas ideias preconcebidas: busca apenas trabalho para si.

Pedir, porém, que o negro atravesse a linha de defesa do preconceito, ou, no dizer de Kristeva, endureça-se como a pedra ou torne rija sua carapaça, equivale a solicitar-lhe que desenvolva uma insensibilidade, ou dureza que, como a pensadora francesa reconhece, tal como a ausência da gravidade, é um estado que não dura muito: a partir do momento em que o estrangeiro assume uma atitude ou desenvolve uma paixão, cria raízes— seu desligamento é apenas a resistência indispensável ao combate do desarraigamento, do questionamento do abandono de seus queridos e de si mesmo: “Como pude abandoná-los? Eu mesmo me abandonei” (KRISTEVA, 1994, p. 16-17).

A maneira de viver face ao espaço perdido determina, então, dois tipos de estrangeiros: aqueles que se consomem, divididos entre o passado e uma utopia futura, sempre desiludidos, grandes ironistas, e os que transcendem a perda, e entre passado e presente constroem um espaço intermediário, sempre além, impulsionados por um ideal não atingido, uma promessa ainda não conquistada, a terra prometida — seja ela profissão, posição, paixão, paternidade — a alcançar, enfim. Esses, define a pensadora francesa, são os crédulos, e às vezes transformam-se em céticos. A esse grupo pertence Solomon.

Embalado pela crença em uma Inglaterra que, se não tão hospitaleira como inicialmente imaginada, pelo menos seria mãe generosa, que acenaria com melhores condições de vida para si e para família que deseja formar, Solomon tudo sacrifica pela promessa de um futuro. Na casa dos Anderson, embora tratado com respeito e amizade, e ainda sentindo-se privilegiado por

morar na Inglaterra, Solomon descreve a si mesmo como tendo “só uma metade [de si] viva e funcionando”. Tudo tinha pouca relação com o que conhecera em seu país e, em consequência, pensa que sua nova família não pode senão conhecer parte de si mesmo. Tentativas de estabelecer comunicação com aqueles que julga seus iguais – os negros vindos do Caribe – resultam na constatação de sua pouca disponibilidade para um relacionamento amistoso e igual. Por outro lado, Solomon tem seus próprios preconceitos: havia muito aprendera que “não adiantava tentar conversar com indianos ou paquistaneses, pois estes eram piores do que alguns dos ingleses”. (PHILLIPS, 2006, p. 323). Intui, então, que sua única esperança é tornar-se menos solitário, e decide mudar de ambiente, mudando-se da casa dos Anderson para Weston.

Basta, porém, um mês na cidade para que perceba que, também ali, haveria de sentir-se despertente. Como poucos lhe dirigem a palavra, anima-se ao receber uma carta, somente para desiludir-se: são palavras “feias”, escritas pelo mesmo tipo de pessoa com quem já travara conhecimento no episódio da pichação. Por outro lado, raciocina que se as pessoas não o querem na vila é porque não o conhecem, e pensa ser de sua responsabilidade ir conhecê-los. Recorda o apelo do pai, na última vez que o vira com vida, a que se escondesse no guarda-roupa durante o massacre: se alguém deveria permanecer vivo, este deveria ser Gabriel. Na ocasião, observara a família ser dizimada “com gelo no coração”. Agora, já está endurecido. Não tem medo. Ante os garotos arruaceiros que o hostilizam e, com um riso debochado e raivoso, impedem seu caminho, desdenham de seu pedido de passagem, e o seguem, cuspiendo nele, desenvolve raciocínio de sobrevivente vencedor. Eles não o conhecem, ele sabe quem é e de onde veio: um homem com uma história, filho de um homem a quem igualmente se deve respeito:

Eu sou filho de alguém mais velho, um homem que decidida conflitos e punia crimes. Sou um homem que viajei por uma distancia muito considerável ate o sul e depois retornei para o seio de minha família condenada, sempre andando à noite, e comendo frutas silvestres e bebendo águas das fontes. Sou um homem que sobreviveu, e prefiro morrer como homem livre do que sangrar e ser tratado como escravo. (PHILLIPS, 2006, p. 313-314).

Embora consciente de que os arruaceiros veem-no como inimigo, com a tenacidade de um sobrevivente, recebe e coleciona sete cartas ofensivas, inclusive uma que contém lâminas de barbear, inseridas para que se cortasse ao abri-la. Depois, quando enfiam excremento de cachorro em sua caixa de correio, resiste ainda, embora humilhado: essas pessoas são doentes, raciocina, seu comportamento é imundo. Reconhecendo na mulher branca uma respeitável senhora, tão solitária quanto ele, decide procurá-la, e “resgatá-la” de seu isolamento. Essa amizade torna-se o lenitivo de seus dias na vila que não o quer.

3 Liberdade absoluta, solidão

Livre de qualquer laço com os seus, o estrangeiro sente-se “completamente livre”. O absoluto dessa liberdade, no entanto, chama-se solidão. Sem utilidade ou sem limite, ela é tédio ou disponibilidade supremos. (KRISTEVA, 1994, p. 19)

Entre o tédio e a suprema liberdade daquele que, liberado de tudo, nada tem, movem-se Dorothy Jones e Gabriel-Solomon. Ao negro, anima a esperança do enraizamento, da constituição de uma família, da aceitação, ainda que parcial, da comunidade em que vive. Já Dorothy move-se na direção oposta: um a um perde seus referenciais sociais e afetivos, deprimindo-se cada vez mais ao progressivamente experimentar aquela “solidão livre” que Kristeva compara à ausência de gravidade vivenciada pelos astronautas, um estado que anula e destrói (KRISTEVA, 1994, p. 19-20).

Chama a atenção também a Dorothy o homem que reconhece ser tão solitário quanto ela própria. Nem mesmo tem um cachorro, vive só. Quando não exercendo sua função de zelador, vive escondido atrás das persianas, ou, sempre sozinho, lava o carro na calçada, indiferente a tudo a sua volta. Como Dorothy percebe após três meses de residência no local, também ela se diferencia da maioria das pessoas pelo fato de viver sozinha, e parece-lhe que impera certa indiferença em Stoneleigh. Mesmo após morar por quase cem dias no condomínio, nota que os moradores do alto da colina ainda são estranhos um ao outro.

Para Dorothy, que desde muito jovem sente intensa necessidade de sentir-se amada e apreciada, a natureza impessoal de Stoneleigh, e a solidão que experimenta mesmo “lá em baixo” no vale, quando caminha anônima entre as donas de casa e as crianças, ante os olhares curiosos, mas indiferentes e/ou censuradores dos frequentadores do pub, é bastante probante. Em criança invejava a irmã, por pensar que o pai reservasse a Sheila o lugar de “filha muito amada”.

Por outro lado, Dorothy notavelmente falha em estabelecer relações significativas: não consegue dar a Sheila apoio no momento em que, debilitada, foge de casa e busca refúgio junto a ela. Falha, também, em interpretar os silêncios da mãe com respeito à saída da irmã e seu relacionamento com o pai, que tão eloquentemente testemunham da veracidade da história de abuso contada pela irmã. A mãe, que caladamente tentava apoiar a filha, sem forças para se opor ao marido, revela saber mais do que seu silêncio faz supor, já que passa a evitar a presença do marido, e a enclausurar-se em seu quarto nas horas, como as das refeições, antes caracterizadas pelo convívio familiar.

O senso familiar sofre novo abalo com o casamento de Dorothy que, embora motivo de contentamento para sua mãe, é desaprovado por seu pai. Brian e Dorothy atravessam quase 30 anos juntos, mas não em comunhão. Logo os monólogos de Brian se convertem em silêncio, ate

que, finalmente, notifica a esposa, através de bilhete, que está se mudando para a Espanha com outra mulher. Dorothy, que não lida bem com rejeição, procura outro homem que lhe faça sentir-se desejada. Pouco se importa com o fato de que Mahmood é casado, e que ela não passará de sua amante. Como observa, “ser desejada não é desagradável, e ser montada e penetrada sugere desejo” (PHILLIPS, 2006, p. 222). Mahmood atrai-a pelo físico, parece-lhe alto e admirável. Além disso, inicialmente aparenta timidez e interesse, e inclina-se para beijá-la. Logo, porém, age superficial e mecanicamente, e o relacionamento se rompe. Dorothy deixa então Birmingham, cidade para onde mudara após se casar com Brian, e volta à cidadezinha onde tinha crescido.

A mudança evidencia o desejo de volta às raízes. Aos 50 anos, Dorothy está consciente de que a mudança representa o desejo de um novo começo: deixaria “a Birmingham de Brian e voltaria para casa para encontrar um lugar entre os seus” (PHILLIPS, 2006, p. 231). Seu desvinculo de elos afetivos com o espaço em que habitara com o marido é evidente ao se referir a Birmingham como uma impessoal, fria e artificial: “cidade cujo coração era um coágulo frio de vias expressas, e cujos subúrbios eram cheios de janelas exibindo flores de plástico” (PHILLIPS, 2006, p. 228-29).

Uma casa, diz Bachelard, é experimentada em sua realidade material, mas também em sua virtualidade, através do pensamento e do sonho. Assim, não é vivida apenas no momento presente, quando se desfrutam seus benefícios, mas todo um passado move-se também para a nova habitação: “We bring our lares with us” (BACHELARD, 1994, p. 5). Contudo, como a história já tinha intervindo na vida de Dorothy, a recuperação da casa da infância, desprovida dos traumas e perdas a cuja memória se associara, já não é possível. Como a memória não se constrói no vácuo, mas está, antes, associada a pessoas e espaço-tempos, a perda de um desses referenciais afeta a percepção do espaço ou grupo a que se relaciona. Dorothy perdera o pai e a mãe em curto intervalo, em um momento em que seu casamento se mantinha apenas na aparência; após o enterro da mãe, a possibilidade de um relacionamento significativo com Sheila parece remoto. Assim, se ao desejar um novo recomeço efetivamente viaja à “Terra da Infância Imóvel” (“Land of Motionless Childhood”, PHILLIPS, 2006), erigindo a nova casa como monumento capaz de garantir o retorno das memórias de outros lugares e tempos, a permanência nessa região encantada resulta impossível.

Não bastassem as perdas no círculo familiar, mudanças no padrão educacional inglês dificultam a reconstrução do passado para Dorothy, uma vez que lhe restringem ainda mais o senso de controle e tomada de decisão. De professora de escola particular, vê-se subitamente transformada em docente de escola pública, já que a educação se toma unificada. A situação põe à prova sua crença de igualdade social: por longo tempo defendera que crianças de todos os níveis e meios sociais deveriam estudar juntas e aprender umas com as outras. Tudo parece-lhe fugir ao controle: é “de repente” que pedem-lhe que ensine “qualquer um que chegasse à escola”, o

que resulta contato com crianças difíceis e com arruaceiros, e provoca brusca queda dos padrões educacionais.

Se, por um lado, a nova realidade do alunado a confunde, a vinda de um professor substituto, Geoff Waverley, parece-lhe oferecer oportunidade para construir um novo relacionamento. Embora já não tão jovem, ele é bonito, e está separado da esposa. Após ter um convite para jantar bem aceito, Dorothy avalia mal o interesse do colega, e acaba intrometendo-se em demasia em sua vida particular. Acusada de assédio, é convidada a se retirar da escola; oferecem-lhe uma aposentadoria antecipada para suavizar a demissão.

A essa altura, ainda sentindo “o gosto da rejeição subindo pela garganta” (PHILLIPS, 2006, p. 246), Dorothy planeja reconstrução do seu projeto de vida através de nova mudança e da reconstrução da amizade com a irmã. Atormenta-a ainda o ‘pensamento de ter sido covarde, e abandonado a irmã quando esta mais dela precisava. Compra o chalé no alto da colina para que lhe propicie um “novo começo, num lugar onde ninguém a conhece” (PHILLIPS, 2006, p. 296). Temporariamente, muda-se para a casa da irmã que, afetada por câncer, mostra-se mais compreensiva, e aceita sua companhia. Sheila, porém, morre antes que os sonhos de um relacionamento feito de projetos e vivências conjuntas pudesse se tomar realidade. Já impactada por todas as perdas anteriores, Dorothy desequilibra-se e imagina uma irmã dependente, que lhe escreve cartas e que ainda precisa de sua ajuda.

É nesse momento, quando já mora há dois meses em Stoncleigh sem que tenha feito amizade alguma e nem ao menos conheça os vizinhos, que nem ao menos vê, que agudamente experimenta solidão e abandono, e passa a observar o zelador negro e apreciar-lhe a companhia. A morte de Solomon frustra essa última tentativa de reconhecimento social e reciprocidade afetiva. Não estranha, pois, que desabafe:

Weston simplesmente não é o lugar onde eu tinha esperanças de me aposentar. Acho que soube disso ontem quando o homem e a mulher da polícia vieram me contar sobre Solomon como se estivessem investigando um bilhete de estacionamento não pago. [...] talvez eu devesse ir até a igreja de pedra e fazer algum tipo de oração para meu amigo? E depois uma última viagem à cidade para colocar flores no túmulo de mamãe e papai? E depois o quê? [...] Pela primeira vez, quero sair da Inglaterra. Conhecer a Espanha ou a Itália. A Inglaterra mudou. (PHILLIPS, 2006, p. 70).

A Inglaterra já não é seu lar, e Dorothy sente-se verdadeiramente tão estrangeira em seu país natal como o africano Solomon em solo inglês. Já não reconhece o país em que nasceu, agora tão diferente, e inicia a elencar outros lugares que lhe sejam potencialmente mais acolhedores. Embora, totalmente desequilibrada, acabe em um hospital psiquiátrico, não cumprindo a promessa

de sair da Inglaterra, nesse momento parece decidida a romper com os últimos vínculos que a prendem ao país, de natureza afetiva, como implícito na proposição de visitar, pela derradeira vez, o túmulo dos pais.

Considerações finais

Analisaram-se, neste estudo, diferentes formas de ser estrangeiro-estrangeiro entre os outros e para os outros, estrangeiro para si mesmo— não atreladas apenas à noção do deslocamento geográfico, mas também aos fatores afetivos e sociais. Retomar, a luz do romance de Phillips, a pergunta de Kristeva acerca da possibilidade de viver com os outros, viver os outros leva a uma resposta negativa. No romance, o convívio com os outros, sem ostracismo ou nivelamento, através do reconhecimento harmonioso da diferença, é a exceção, não a regra. A percepção das consequências dessa opção, através da dramatização da vida de dois seres com os quais o leitor se identifica a partir da piedade e do terror pelo descabido da sorte que lhes toca, como na tragédia clássica (mas esse já é outro assunto, que não cabe aqui desenvolver) parece ser o objetivo de Phillips. Sob o impacto dessas histórias de vida, cabe ao leitor refletir o que fazer ante o estrangeiro, esse ser tão outro, e por outro lado tão intimamente interiorizado em cada um de nós.

Foreigners among Us, Foreigners for Us: The Place of Foreigners at A Distant Shore

Abstract

This study proposes a reflection on the status of the foreigner and the interrogations imposed by alterity based on the Caryl Phillips' novel *A Distant Shore*. The word foreigner is taken in a broad sense, as a category used to signal transgression, not limited to geographical displacement but, rather, the result of border crossings in any social system. Analysis follows the developments of the protagonists' life, emphasizing their foreign status: Dorothy Jones, English woman who progressively loses her social and emotional bearings, and Gabriel-Solomon, African refugee who in vain attempts to make England his home— both of them foreigners, the first in her native country and the second, as it is more usual, in his country of adoption. The analysis relies, especially, on Kristeva's reflections on the role of the foreigner and the metaphorical value of this positionality.

Keywords: Foreigner. Displacement. Identity. Julia Kristeva. Caryl Phillips.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **The Poetics of Space**. Boston: Beacon Press, 1994.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- PHILLIPS, Caryl (2006). **Uma margem distante**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- RUSHDIE, Salman. **Imaginary homelands: essays and criticism 1981-1991**. London: Granta; Penguin, 1992.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu Tomás da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

Correspondência

DENISE ALMEIDA SILVA
Rua Olavo Bilac, 143
90040-310 - Porto Alegre - RS
dasilva@uri.edu.br

Recebido em 23.11.2011

Aprovado em 03.04.2012

